

Indicação de leitura – revisitando Mahfouz: o universo da Trilogia do Cairo

Ana Lúcia Pereira da Silva¹

“Sou partidário do conhecimento, única via de salvação nesse oceano agitado e assustador de ignorância, no qual devemos viver”

Naguib Mahfouz

Ser escritor é estar constantemente engajado à incessante busca pela iluminação interior frente ao grande oceano de ignorância, de extremismo que assola a sociedade. É proporcionar ao leitor diferentes pontos de vista para que ele possa conhecer, escolher a melhor posição e, a partir daí, traçar um novo caminho, já que o conhecimento é uma poderosa arma de desconstrução/reconstrução do indivíduo, da humanidade.

A sociedade, por sua vez, vive um obscuro período de intolerância, de extremismo: todos os dias, ouvem-se notícias sobre ataques, em nome de Alá, contrariando a concepção da grande maioria dos muçulmanos que procuram seguir sua vida e seus preceitos religiosos em paz.

Sendo assim, a tarefa do escritor, da sua obra literária, por meio de seus personagens, é mostrar sua verdade, oferecer subsídios instigantes que levem ao questionamento e à reflexão; oferecer algo novo que suscite o rico processo transformador do seu leitor.

Naguib Mahfouz, escritor egípcio, amplamente conhecido no mundo árabe e primeiro escritor de língua árabe a ganhar o Nobel de Literatura, em 1988, é autor de relatos, romances e roteiros de cinema. Publicou mais de cinquenta romances, cinco peças e mais de trezentos e cinquenta contos, sem contar as dezenas de roteiros. Muitas de suas obras foram adaptadas ao cinema, tanto em língua árabe quanto em línguas estrangeiras.

Sua postura política sempre se pautou na tolerância religiosa, na moderação frente ao extremismo religioso, posição presente em toda sua criação literária.

Por seu claro engajamento político e fama, especialmente no Oriente Médio, o escritor sofreu, em 1994, um atentado quando saía de sua casa no Cairo. Um militante islâmico o feriu a facadas, sob a alegação de que seus romances atacavam a religião muçulmana. Tal fato traria sequelas que prejudicariam sua escrita para sempre: na visão, na audição e no seu braço direito.

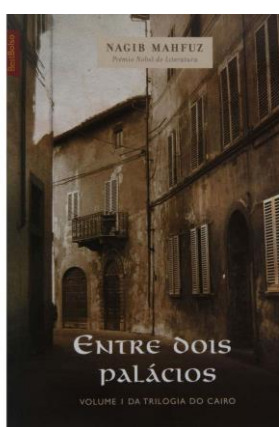
¹ Mestre em Letras pela FFLCHUSP, Departamento de Letras Orientais. Professora da EMEFM Vereador Antonio Sampaio – prefeitura de São Paulo.

Em julho de 2006, Naguib Mahfouz foi internado num hospital do Cairo, devido a problemas renais e pulmonares, vindo a falecer em 30 de agosto do mesmo ano.

Em toda sua obra, seus personagens são descritos em todas suas nuances, com seus dramas pessoais, fraquezas, inquietações e, acima de tudo, com seus desvios de conduta. Transitam ora na vida cotidiana burguesa, ora em bairros pobres egípcios, tendo como pano de fundo a História Egípcia.

Contudo, sua fama internacional vem da TRILOGIA DO CAIRO, publicada entre os anos de 1956 e 1957, onde a vida de um bairro islâmico no Cairo existente há mais de mil anos é retratada.

Cada volume divide-se em duas partes, narrando o cotidiano de três gerações de uma família burguesa muçulmana durante a ocupação britânica, no período entre as duas grandes guerras mundiais. O enredo, narrado em terceira pessoa, se desenrola em diversos bairros do Cairo, locais onde o autor cresceu.



O primeiro volume da obra intitulado “Entre dois palácios” apresenta a família do comerciante bem sucedido Ahmed Abd el-Gawward:

“O rosto, alongado e cheio, bastante expressivo, com traços firmes, era o reflexo de uma personalidade marcante cuja beleza se afirmava nos grandes olhos azuis, no nariz majestoso - em harmonia, apesar de grande, com o tamanho do rosto...” (MAHFUZ, 2008, p.17)

Durante toda obra, Ahmed, o patriarca, mostra uma atitude absolutamente tirana e procura preservar a todo custo, em seu ambiente familiar, os preceitos muçulmanos. Embora administre sua casa com mão de ferro, gerando medo tanto em sua mulher quanto em seus cinco filhos, possui uma vida secreta pérfida, regada a bebida alcoólica, prática proibida na Lei Corânica, e a amantes.

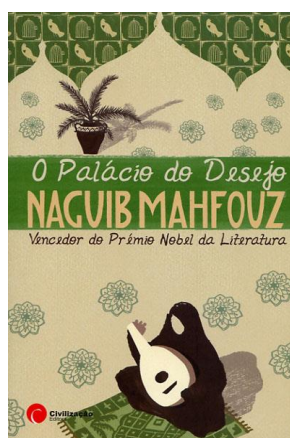
Logo nas primeiras páginas do romance, nota-se o desvio de conduta do personagem Ahmed: de um lado, durante o dia, ele é um bom muçulmano aos olhos da sociedade em que vive; por outro, na calada da noite, ele assume uma posição mundana e totalmente adversa ao que ele prega em seu lar. Tal traço será notado durante os três volumes da obra.

Ahmed é casado com Amina que, assim como suas duas filhas, Khadiga e Aisha, são obrigadas a seguir à risca os ditames do patriarca, sem nenhum tipo de questionamento.

No primeiro volume, outros personagens são apresentados, os filhos de Ahmed: Fahmi, ávido estudante de livros de Direito, idealista, apaixonado por Maryam, vizinha e amiga de suas irmãs, cuja trajetória estará ligada ao confronto entre os ideais islâmicos e sonhos individuais; Yasmine, o primogênito, de personalidade fútil, hedonista; e Kamal, o mais novo, cuja esperteza e inteligência eram facilmente notadas e serão bastante exploradas no decorrer da trilogia.

A trágica perda de um dos membros do clã el-Gawward, no final do primeiro volume, dará uma nova perspectiva aos personagens que terão que lidar com essa situação.

“Entre dois palácios” mostra, com riqueza de detalhes, o cotidiano da sociedade egípcia da época, tendo como pano de fundo a vida de Ahmed e de sua família.

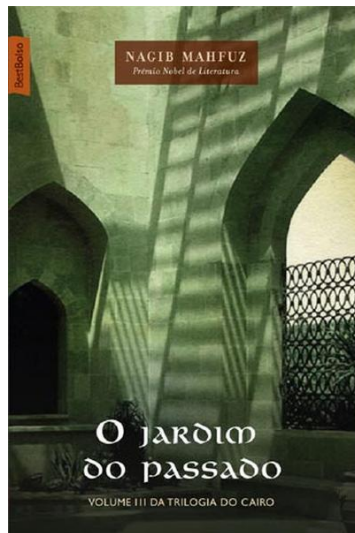


O segundo volume da trilogia “O palácio do desejo” apresenta o cotidiano das três gerações da família de Ahmed. Envelhecido e com o peso da perda ocorrida no final do volume anterior, o patriarca começa a se afastar dos vícios tão proeminentes em sua juventude.

Nesse momento da trilogia, o confronto entre os ideais islâmicos e os sonhos individuais serão sentidos com maior intensidade. A segunda geração colocará seus sonhos, interesses e dramas pessoais em primeiro plano. Esses dois personagens estarão em maior evidência: Yasmine, com sua personalidade fútil e devassa se contrapondo a Kamal que decide seguir a carreira do magistério, contrariando, desse modo, o desejo de seu pai.

A obra também aborda questões como o amor não correspondido, o divórcio como situação vexatória, o ofício da leitura e escrita como forma de questionamento da fé, do magistério como ofício desvalorizado pela sociedade. Além disso, o desvio de conduta é mais visível a partir da vida leviana de Yasmine que desrespeita todos os preceitos ligados ao Corão (uso de bebidas alcoólicas, cigarro, extremamente perdulário).

O final do segundo volume mostra o soberbo Ahmed combalido, envelhecido e impotente perante o destino de seus filhos e netos que começam a seguir o que é melhor para eles, sem atentar para os desejos do patriarca.



“O Jardim do Passado”, último volume da trilogia, oscila entre as lembranças de um passado intensamente vivido, contrapondo-se à solidão, à velhice e à proximidade da morte.

Ahmed fará uma retrospectiva e terá que conviver com netos totalmente adversos às suas ideias: um fundamentalista religioso, um socialista e outro amante da política.

Nessa parte da obra a tolerância frente às diferenças será sentida: um patriarca tirano e com ideias arraigadas no primeiro volume, terá que se adaptar à modernidade e a pontos de vista adversos aos seus.

Na **Trilogia do Cairo**, o leitor terá a oportunidade de entrar em contato com a descrição esmerada dos personagens, com a total liberdade de criação do autor, com as transformações históricas do Egito, de passear por diferentes bairros do Cairo, a partir da leitura instigante e apaixonante que esse grande escritor nos proporciona.

Recebido para publicação em 21-08-17; aceito em 11-09-17